

O TÓPICO TEXTUAL E A ARGUMENTAÇÃO

Leci Borges BARBISAN (PUCRS)

1 - Introdução

Este artigo apresenta uma proposta para o estudo do tópico no texto argumentativo¹. Pretende-se entender como o tópico pode ser identificado no contexto do texto e como se constituem as cadeias que organizam a informação. Para tanto, define-se o tópico e a organização da informação tendo-se em vista os conceitos de texto e de texto argumentativo.

No que concerne ao texto, privilegia-se a perspectiva em que os três níveis propostos por Van Dijk: a macro, a micro e a superestrutura se articulam para construir o todo semântico, que é o texto (ou discurso²), no qual a informação se organiza sob a forma de tópicos e comentários. Tratando-se de textos argumentativos, aposta-se que a relação tese/argumentos é de algum modo importante para a estruturação do tópico. Com isso se está querendo dizer que as diferentes informações exercem, no semantismo global do texto, papéis de maior ou menor importância, decorrentes de suas funções e de sua hierarquização, conforme as categorias (tese ou argumento) a que pertencem na superestrutura argumentativa.

¹ A autora coordena o projeto *Continuidade temática no texto argumentativo*, desenvolvido no Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS e apoiado pelo CNPq. Constituem o grupo de pesquisadores: Leci Borges Barbisan, Lia Lourdes Marquardt, Rejane Fior Machado, Rita Simone Spilmann Bexiga.

² Neste trabalho tomam-se *texto* e *discurso* como sinônimos.

Duas perguntas devem nortear as reflexões aqui desenvolvidas:

1. Há relação entre micro, macro e superestrutura no texto argumentativo?
2. Nos textos argumentativos, os tópicos, na micro-estrutura, são orientados pela macro e pela super-estrutura?

2 - A proposta teórica

O termo texto, como explicam Halliday & Hasan (1976), designa uma passagem qualquer, oral ou escrita, em prosa ou verso, diálogo ou monólogo. Pode ter extensão variável, indo desde um enunciado único, ou de uma palavra ("Socorro!"), até segmentos de grandes proporções.

Todo texto é realizado por sentenças, mas não é uma soma de sentenças. É uma unidade, não de forma, mas de sentido. Aqui o texto é visto como uma unidade funcional de comunicação. O significado é a representação de algum tipo de acontecimento ou estado do mundo real, além de ser o resultado do modo de interação entre falante e ouvinte.

Em sua imanência, o texto, visto como um todo significativo, apresenta diferentes tipos e níveis de estruturas, como propõe Van Dijk (1978; 1983; 1986). Percebendo-o como um todo composto de unidades textuais maiores, as seqüências num nível mais global, alcança-se a chamada macroestrutura, definida como uma representação abstrata da estrutura global de significado (VAN DIJK, 1978). Mas há diferentes níveis possíveis de macroestrutura, indo do mais geral a um nível hierarquicamente inferior, constituído por partes do texto.

Estruturas também globais, mas especiais, constituem as superestruturas. Estas têm caráter abstrato e são independentes das estruturas lingüísticas. As superestruturas caracterizam os diferentes tipos de texto. São como um esquema ao qual o texto se adapta. Assim, uma estrutura narrativa é uma superestrutura, independentemente do conteúdo da narração, embora as superestruturas imponham certas limitações a esse conteúdo. Uma superestrutura é um tipo de texto que tem como conteúdo o tema da macroestrutura.

As superestruturas e as macroestruturas semânticas têm uma propriedade comum: se definem no conjunto do texto ou em fragmentos deste. Por isso, fala-se de estruturas globais, diferentemente de estruturas locais ou microestruturas, no nível das orações.

Então, ao conceito anteriormente apresentado que afirma que, neste trabalho, o texto é uma unidade global de sentido, acrescenta-se agora a idéia de sua constituição em três níveis relacionados entre si: a micro, a macro e a superestrutura.

Quanto ao texto argumentativo, objeto deste estudo, Charolles (1979) o considera "orientado para o receptor do qual ele visa modificar as disposições interiores". Assim, toda conduta argumentativa toma lugar numa situação, engaja participantes (o agente argumentador e o paciente argumentatário), diz respeito a um objeto ou campo problemático, visa a um fim que é a adesão a uma tese e exige do argumentador meios, que são argumentos.

Toda relação argumentativa, segundo Charaudeau (1992), se compõe de três elementos: uma asserção inicial (premissa), uma asserção final (conclusão) e asserções de passagem (inferência, prova, argumento). A premissa é um dado inicial, primeiro, colocado antes, que

admite uma outra asserção, em relação à qual ela se justifica. A conclusão apresenta aquilo que deve ser aceito, decorrente da premissa e do elo que a liga a esta.

A passagem de uma premissa para uma conclusão é uma asserção que justifica uma relação de causalidade. Essa asserção é o universo de crença sobre os fatos, compartilhado pelos interlocutores. É o argumento, que deve levar o interlocutor a aceitar o propósito como verdadeiro.

Ao descrever a seqüencialidade argumentativa, Adam (1987) apresenta sua superestrutura, como constituída pelas seguintes categorias: tese anterior, premissas, argumentos, conclusão, nova tese, as quais não aparecem obrigatoriamente nessa ordem no texto. Neste trabalho, considera-se como sendo argumentativo o texto que tem essas categorias em sua superestrutura.

A informação em textos se organiza a partir das noções de tema e rema, ou tópico e comentário. Observando-se as propostas de alguns lingüistas que trataram da informação no texto (ou discurso), sob a forma de tema/rema ou de tópico/comentário, tais como os da Escola de Praga, Combettes (1986), Van Dijk (1983), Clark & Havilland (1974), Prince (1981), Givón (1992) percebe-se que:

- há diferentes tipos de abordagem como a funcionalista e a cognitivista;
- as duas noções são associadas a dado e novo, carregando o tópico menor grau de informatividade, e o comentário, maior;
- o tópico pode referir a uma expressão da sentença anterior no texto/discurso ou a uma seqüência de sentenças;

- há estudos sobre a organização da informação no texto que contemplam a interação falante/ouvinte.
- há diferentes formas de o ouvinte/leitor resgatar entidades já dadas, que funcionam como referentes do tópico;
- a língua dispõe de recursos lingüísticos para assinalar o dado e o novo;
- o tópico pode assumir, sintaticamente, no texto, a função de sujeito na quase totalidade dos casos;
- a repetição de um tópico ao longo de várias sentenças produz cadeias que marcam a continuidade temática em seqüências do texto;
- há tópico de sentença, em um nível local, e tópico de discurso, tomado globalmente;
- há influência do tópico do discurso sobre o tópico da sentença.

Quase todas as teorias referem-se à organização da informação, distinguindo dado e novo, no nível da sentença. Nota-se ainda que o tópico é geralmente identificado com o sujeito da oração e que muitas abordagens ocupam-se de diferentes formas com a identificação do tópico, não chegando, porém, à noção de continuidade topical ou temática. Mas o que chama a atenção é que, quando o fazem, como é o caso da teoria de Combettes e da de Givón, a continuidade remete a uma sucessão de sentenças em que o tópico, sob a forma de tema, persiste. Quer-se dizer com isso que geralmente não são estudados os dois tipos de informação (tópico e comentário) e que, ao se estudar a

organização informacional, não se define o que se entende por texto ou discurso.

A proposta apresentada neste trabalho parte justamente do conceito de texto e, mais especificamente, de texto argumentativo. O tópico é visto desse modo numa perspectiva textual/discursiva.

Então o tópico, neste estudo, será:

- aquilo de que se fala;
- aquilo que o ouvinte/leitor já conhece, tanto porque já foi mencionado no texto como tópico ou como comentário, com o mesmo sentido, ou sentido próximo, quanto porque é inferível pelo contexto, ou familiar, passível de ser reconhecido;
- o que tem como função sintática a de sujeito ou não;
- o que, de algum modo, tem relação com a macro e a superestrutura, que orientam a organização da informação na microestrutura.

O comentário é aquilo que se diz sobre o tópico. É o novo, o que faz avançar a informação no texto.

O avanço da informação no texto, neste estudo, determina a continuidade topical. Esta é vista na passagem de uma sentença para outra, na linearidade do texto, mas sempre orientada pelas estruturas globais: a macro e a superestrutura. São tópicos e participam de cadeias topicais aqueles itens que têm relação de sentido com itens que compõem as estruturas globais do texto (a macro e a superestrutura).

Analisa-se, neste trabalho, além das continuidades topicais, também as continuidades temáticas, que não se organizam apenas na linearidade do texto, mas o percorrem em cadeias que se interrompem

e reaparecem mais tarde ao longo do texto. Essas cadeias temáticas estruturam-se em torno de temas que são termos-chave das estruturas globais. É denominado tema, nesta pesquisa, em consonância com Van Dijk (1986), o essencial do que se disse; não o sentido das orações tomadas individualmente, mas do texto como um todo, ou dos parágrafos.

3 - A metodologia para a análise

A análise do tópico e do comentário, a seguir, deve mostrar como funciona, em um texto argumentativo escrito, a proposta teórica apresentada anteriormente.

Adam (1987) cita, como variantes da argumentação, o judiciário (acusação/defesa, justo/injusto), o epidítico (elogio/censura, bonito/feio), o deliberativo (conselho/desaconselhamento, útil/inútil) e o crítico (demonstração/refutação, acordo/desacordo, verdadeiro/falso). Neste estudo será utilizada a variedade de texto argumentativo que Adam denomina crítico. Incluído nos argumentativos críticos está o editorial, tipo de texto escolhido para ser aqui analisado.

O editorial é então um gênero do texto argumentativo que se produz numa instância comunicativa que lhe é própria. Publicado pela imprensa escrita, que se caracteriza por uma interação distanciada entre quem escreve e quem lê, por uma não-coincidência entre tempo do acontecimento, tempo da escrita e tempo da leitura, o editorial apresenta uma instância de produção - que representa os papéis de pesquisador, de comentador da informação - uma instância de recepção que é construída como "alvo intelectual" e um propósito que

transforma o acontecimento bruto em "acontecimento do espaço público" (CHARAUDEAU, 1997).

Do ponto de vista argumentativo, o editorial, visto como comentário organizado, impõe uma visão explicativa do mundo, traz à luz o que não se vê, o que é latente e que constitui o motor do acontecimento. Problematiza o acontecimento, levanta hipóteses, desenvolve teses, traz provas, impõe conclusões. Para o leitor, trata-se de avaliar, medir, julgar o comentário para aderir a ele ou rejeitá-lo (CHARAUDEAU, 1997). O editorial visto desse modo, será aqui objeto de análise.

Quanto aos procedimentos metodológicos que serão utilizados na análise, o ponto de chegada do presente trabalho é o texto produzido do ponto de vista de sua organização informativa. Para atingi-lo, porém, o analista deve se colocar na posição de receptor do texto. Assim, os processos que envolvem a relação entre emissor, receptor e texto, tanto na emissão quanto na recepção, interessam a este trabalho. Essa reflexão orienta as etapas que são seguidas na metodologia para a análise do corpus.

São privilegiados aqui os princípios que regem o processamento cognitivo do texto propostos por Van Dijk (1986). Faz-se essa escolha por se considerar que sua proposta vem ao encontro da teoria aqui adotada quanto à definição de texto.

Para entender como se processa a compreensão, Van Dijk (op.cit.) se serve da noção de memória. Distingue dois tipos: a de curto prazo (MCP) e a de longo prazo (MLP). Na compreensão do texto o ouvinte/leitor percebe fonemas ou seqüências de fonemas e palavras ou grupos de

palavras. O usuário da língua traduz a informação de superfície em informação semântica, que se armazena na MLP. Não se dá o processamento da informação sintática antes da semântica, mas ao mesmo tempo. A informação semântica é conceitual. A informação conceitual das orações se estabelece sob forma de proposições básicas que são a informação mais elementar.

Como a MCP é muito limitada, para compreender o discurso, o ouvinte/leitor organiza e reduz informações complexas tornando-as proposicionais. A seqüência de proposições se organiza em *fatos* cognitivos. *fatos* são representações cognitivas do que interpretamos como um fato, uma ação, um estado. O *fato* reúne um grande número de proposições e organiza sua interpretação, reduzindo -a.

A tarefa seguinte de um modelo de compreensão é a de relacionar as informações. Para isso, é necessário conectar semanticamente as orações, relacionando proposições ou *fatos* . Nessa relação é indispensável recorrer à MLP para a obtenção de informação conceitual sobre fatos e elos entre fatos. Nesse processo, modelos cognitivos como "frames" desempenham papel importante. Além de fornecer elos omitidos, os modelos mentais indicam que fatos devem ser agrupados, levando à identificação da informação necessária à atribuição de macroestruturas na compreensão de textos.

A fase seguinte consiste no armazenamento da informação na MLP. Há um princípio que subjaz a esse armazenamento, explica Van Dijk (1986, p.85): "a estrutura da informação textual na MLP é a estrutura que se atribui ao discurso durante sua compreensão na MCP".

Então a informação textual primeiramente se organiza em *fatos* conectados linearmente por relações. Todo *fato* é dominado por uma

macroestrutura . E se o discurso tem uma superestrutura, a macroestrutura pode ser organizada de acordo com um esquema superestrutural hierárquico. Assim, à informação se atribuem estruturas em vários níveis e é como tal que ela é armazenada na MLP.

A última fase do processamento do discurso é a da recuperação e da reprodução de informação na MLP. Na recuperação, as unidades mais acessíveis são as que estão relacionadas com unidades do texto. A informação "reproduzida" nem sempre é igual à informação original, já que há transformações semânticas: informação nova, avaliações, comentários, etc. A compreensão, o armazenamento e a recuperação nunca são "puros". Isso mostra que a reprodução e a reconstrução da lembrança estão sujeitas às construções de produção.

No processo de produção de um texto, sempre segundo Van Dijk, dá-se o contrário do que se encontrou na compreensão. As estruturas conceituais são expressas dando-lhes formas sintáticas e expressões morfo-fonológicas; as funções pragmáticas, tais como tópico e comentário, estão igualmente relacionadas a funções sintáticas. São aplicadas ainda estratégias em que são usados esquemas de orações mais ou menos fixos para expressar a informação semântica.

No nível semântico, o produtor do discurso deve tratar de mantê-lo coerente. Ele tem de antemão uma representação conceitual do assunto ou tema principal, isto é, a macroestrutura, bem como o tipo de discurso, a superestrutura esquemática. A macroestrutura orienta a produção real de orações, no sentido de que a microestrutura tem por guia o tema global. É na microestrutura que se organiza a informação sob forma de tópicos e comentários, objeto desta pesquisa.

A condição de ter um planejamento mais ou menos detalhado para produzir um texto, diz Van Dijk, é muito importante. Esse planejamento compreende a macroestrutura e o esquema superestrutural. O produtor tem também uma representação global do ato de fala que quer realizar.

Como se pode deduzir do que foi explicitado quanto à compreensão e à produção do texto, trata-se de processos inversos. Isso pode ser explicado do seguinte modo: para compreender o texto, o ouvinte/leitor parte do nível microestrutural, armazenando informações em sua MCP, organizando macroproposições e categorias da superestrutura, colocando as informações em sua MLP à medida que sua leitura avança; para produzir um texto, o falante/escritor deve partir de um planejamento, no qual se organizam a macro e a superestrutura do texto, e então traduzir esse planejamento nos níveis sintático e morfológico, e também semântico e pragmático, na microestrutura.

Embora o objetivo deste estudo seja o de analisar como se organiza a informação no texto produzido, isto é, tentar elucidar como se constrói a informação no texto, o analista-pesquisador tem de se colocar na posição de leitor. Por essa razão são importantes os dois processos. Isso quer dizer que, para a análise do corpus parte-se da organização informacional tópico/comentário na microestrutura, mas a percepção de como o texto foi produzido, deve começar pelo estudo dos níveis mais "altos", constituídos pela macro e pela superestrutura.

O posicionamento teórico assim definido deve determinar a metodologia a ser seguida na análise dos dados. Para a apreensão da macroestrutura do editorial, três procedimentos metodológicos são adotados:

- a observação da organização dos parágrafos;
- o resgate da referência de anáforas conceituais;
- a aplicação de macrorregras.

O recorte do texto em parágrafos interessa a este trabalho na medida em que ele estabelece uma unidade de sentido dentro do texto, contribuindo para a organização macroestrutural. O parágrafo, explica Bessonnat (1988), superpõe a articulação hierarquizada à sucessão linear das frases, e programa a leitura. Ele funciona, então, como elemento que favorece o estabelecimento da coesão e da coerência do texto. Essa afirmação é baseada no estudo de Longacre (1979) que, ao propor uma gramática do parágrafo, aborda a questão de sua unidade temática em que há coesão sintática e coerência temática, já que o parágrafo se organiza em torno de um tema único.

Quanto à composição do parágrafo, Longacre, no mesmo artigo, menciona cinco tipos de relação semântica: de conjunção: parágrafos antitéticos (A é o contrário de B), restritivos (A no entanto B), alternativos (ou A ou B), coordenativos (A e B); de relações temporais (A depois B); de relações lógicas: explicativo, consecutivo-dedutivo, concessivo; de relações parafrásticas: parágrafo ilustrativo (A, por exemplo B), identificativo (A é igual a B); de relações referenciais: parágrafo citativo (A: "B"), comentativo (A comenta B).

No que concerne à distribuição da informação, o mesmo autor apresenta: o parágrafo dedutivo, em que a conclusão é mais importante do que a premissa; o explicativo em que o resultado é mais importante do que a causa; o coordenativo em que os dois elementos coordenados são de igual importância.

No que diz respeito aos modos de articulação local, de passagem de um parágrafo ao outro, Longacre fala de: articulação por estreitamento ou alargamento do tema; articulação com ruptura ou retomada temática; articulação de acordo com uma estrutura de pergunta/resposta, de oposição, de paralelismo.

Sobre os modos de articulação global, quanto à distribuição geral do texto em parágrafos, são referidos por esse autor: o grau de segmentação do texto e a distribuição dos parágrafos em função da progressão temática.

As teorias de Bessonnat e de Longacre mencionadas norteiam as análises aqui desenvolvidas e permitem o acesso à macroestrutura do texto, a partir da microestrutura.

O que a proposta que se faz deixa entrever, e essa é a primeira pergunta que norteia todas as reflexões, é a possibilidade de entrelaçamento entre as estruturas nos três níveis. É a partir da apreensão da microestrutura que se chega à macro e à super em três níveis que se articulam. Não se esquece, todavia, a hipótese de que as estruturas de nível mais "alto" orientam, regem, sobredeterminam de certo modo a microestrutura; essa é a segunda pergunta norteadora desta pesquisa. Se, neste trabalho, uma separação é feita entre as três estruturas, isso não é mais do que um artifício metodológico, indispensável para que se proceda a análise.

A anáfora conceitual – mecanismo de referência utilizado na análise para a compreensão da macroestrutura do texto - retoma, não um termo explícito no cotexto anterior, como toda anáfora, mas dados semânticos pressupostos, implícitos, anteriormente "ditos" pelo texto. São, na verdade, explicam Descombes-Dénervaud e Jespersen (1992),

nominalizações resumitivas que permitem enxertar comentários sobre segmentos de discurso de extensão variável (SN, frase, texto) que foram enunciados precedentemente. Passa-se, assim, do enunciado-fonte ao comentário argumentativo.

A anáfora conceitual, realizada por exemplo com um pronome como *isso*, é uma anáfora sobre a enunciação e, condicionada por seu semantismo, permite identificar o segmento a que se refere. A anáfora resumitiva pronominal "isso", por exemplo, funciona como um hiperônimo neutro, recobrando enunciados anteriores. A anáfora sobre a enunciação é ou englobante (hiperônimos que sintetizam) ou segmental (retoma uma parte do enunciado-fonte).

A anáfora conceitual é associada ao recorte em parágrafos. Ela marca uma unidade de sentido. Se estiver situada no final do parágrafo, se torna um termo recapitulativo. Ou o escritor anuncia uma informação nova no final do parágrafo ou a desenvolve no parágrafo seguinte. Desse modo a anáfora conceitual pode ser sinal ou de continuidade ou de ruptura.

O estudo das anáforas conceituais pode ter aqui a função de auxiliar na percepção das continuidades topicais, estabelecendo a unidade coesiva sintática e semântica do texto. Algumas delas possibilitam a apreensão de continuidades temáticas no nível da macroestrutura.

Para a identificação da macroestrutura, além dos procedimentos correspondentes à organização do parágrafo e à compreensão de anáforas conceituais, devem ser aplicadas as macrorregras propostas por Van Dijk (1986). Segundo esse autor, as macroestruturas são também proposições. Para a projeção semântica, vinculando proposições da

microestrutura com as da macroestrutura, são necessárias regras que transformem a informação semântica, reduzindo uma seqüência de várias proposições a algumas ou a uma só. Essa redução torna-se necessária para que textos sejam compreendidos, armazenados e reproduzidos.

As macrorregras são as de supressão, generalização e construção. Pela supressão, as proposições que não são necessárias para a interpretação do que segue no texto são suprimidas. Por meio da generalização, faz-se uma proposição que contenha um conceito derivado dos conceitos da seqüência de proposições, um superconceito. Com a construção, chega-se uma proposição que indique o mesmo fato denotado pela totalidade da seqüência de proposições.

Um problema por resolver numa teoria de macroestruturas semânticas, apontado por Van Dijk (1986), é o da ordenação das macrorregras. Como a construção requer todos os detalhes para se chegar à macroproposição, esse autor sugere que se comece por ela, aplicando depois a regra de supressão, para eliminar detalhes não-pertinentes, e, por fim, a generalização, para resumir ainda mais o discurso. Van Dijk menciona o fato de que, na prática, haverá diversidade na utilização das regras por diferentes usuários de uma língua. Partindo dessa afirmação e para efeito de análise, decidiu-se que, neste estudo, devem ser aplicadas as regras na seguinte ordem: generalização, supressão e construção, de acordo com as seguintes etapas:

- a. identificação das idéias do texto;
- b. generalização a partir das seqüências de idéias;

- c. supressão de idéias secundárias;
- d. construção de macroproposições.

Para se obter a estrutura esquemática abstrata, caracterizada pelas relações que operam no macronível entre os fragmentos do texto, e que se denomina superestrutura, busca-se encontrar a tese e os argumentos que a apóiam.

Parte-se de teses locais, que são afirmações defendidas pelo autor, e de argumentos que as sustentam para se chegar à tese e aos argumentos do texto tomado como um todo. A relação entre teses locais e tese global segue o critério de supressão de informações consideradas repetidas ou com temas muito próximos, tomando como referência o conteúdo semântico da macroproposição obtida na etapa anterior. Com esse procedimento, agrega-se o conteúdo à estrutura esquemática abstrata da superestrutura. A articulação entre macro e superestrutura permite obter a informação relativa ao nível mais "alto" do texto. Supõe-se que seja essa informação ampla e global que oriente a organização informacional na produção de um texto, selecionando tópicos e comentários na microestrutura.

Articuladores ou conectores apresentam importante função no texto na apreensão da superestrutura. São conectores "as palavras cujo papel habitual é o de estabelecer uma ligação entre duas entidades semânticas" (DUCROT, 1980, p. 15). Por isso, não é possível descrevê-los isoladamente; é preciso analisá-los em estruturas. Um conector, ainda segundo Ducrot, liga sempre dois elementos da formação em que ele aparece. Esses segmentos são entidades semânticas. Os articuladores ou conectores incluem conjunções, marcadores de integração linear (de

um lado, por outro lado, em primeiro lugar, etc.), gerúndios (=porque), preposições seguidas de infinitivo (sem considerar), etc. dentro dos parágrafos, mas igualmente entre eles. Esses elementos, em princípio, devem ligar tópicos, teses locais, argumentos entre si ou ainda teses a argumentos, e surgir como facilitadores da identificação da superestrutura, em nível local, e das continuidades topical e temática.

A análise da informação, no nível microestrutural, tem o seguinte desenvolvimento:

- a. análise da continuidade topical, estudo que deve mostrar tópicos e comentários, identificados segundo sua relação com os conteúdos semânticos da macro e da superestrutura. A continuidade topical se estabelece na linearidade do texto, de oração para oração.
- b. análise da continuidade temática, em que as cadeias têm seus temas selecionados pelos conteúdos semânticos da macro e da superestrutura e se constituem ao longo do texto, sofrendo possíveis interrupções e sendo retomadas a seguir.

4 - A análise do editorial

Na análise da organização informacional na produção de um texto, de acordo com a metodologia que aqui se propõe, vai-se observar se o tópico textual se constrói, na microestrutura, em consonância com os níveis mais "altos", ou seja, a macro e a superestrutura. Vai-se estudar inicialmente como se compõe a macroestrutura. Parte-se, para tanto, da microestrutura, seguindo os

passos anunciados anteriormente. Tomou-se o editorial *O abandono dos escravos mirins*, publicado pelo jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, no dia 8 de agosto de 1994.

Três tipos de análise são realizadas para se chegar à formulação da macroproposição: dos parágrafos; das anáforas conceituais; a aplicação das macrorregras.

Observando-se o editorial *O abandono dos escravos mirins* quanto à organização dos parágrafos, percebe-se que o texto foi segmentado em quatro parágrafos em termos de progressão temática. O primeiro apresenta seu tema através de uma descrição que define e explica quem são as crianças que o texto refere. Essa descrição é acompanhada por uma tese local que o editorialista defende em relação a essas crianças.

No segundo parágrafo lê-se, ainda quanto ao aspecto temático, a formulação de uma nova tese local: a necessidade de solução para o problema levantado pela situação em que vivem essas crianças. Dá-se assim um alargamento do tema em relação ao primeiro parágrafo.

A primeira tese local é rerepresentada no terceiro parágrafo, onde se percebe um estreitamento do tema em relação ao segundo. Não há progressão, do ponto de vista temático, já que nesse trecho do texto a informação do primeiro parágrafo é parafraseada.

O tema de uma crítica ao poder público, omissos, segundo o autor, e a proposta de um programa assistencial como solução ao problema constituem o último parágrafo do editorial. O tema do segundo parágrafo é retomado e alargado nesse trecho do texto.

Considerando-se agora a relação entre os parágrafos, nota-se que o segundo é formulado como uma antítese ao primeiro. Enquanto o primeiro se encerra com o pressuposto de que a situação das crianças constitui um problema para o qual não são buscadas soluções, o segundo, rompendo com esse tema, é introduzido pelo articulador e (=no entanto), que estabelece uma relação de antítese com o primeiro tema. É proposta aqui uma possibilidade de solução.

O terceiro parágrafo não se relaciona com o segundo; ao contrário, aparece coordenado ao primeiro, parafraseando seu tema.

A relação do quarto parágrafo com outros é de coordenação com o segundo. A possibilidade de solução anunciada no segundo parágrafo é desenvolvida no quarto, através da descrição de um programa assistencial que resolveria a situação das crianças. Essa é a tese principal, sustentada pelo editorialista em seu texto.

Então, a organização do texto em parágrafos hierarquiza as informações e programa a leitura, contribuindo para a coesão e estabelecendo a macroestrutura. A hierarquização permite que as informações sejam definidas, delimitadas e relacionadas entre si dentro das seqüências que são os parágrafos. Em decorrência, a recepção do texto fica conduzida no processo de leitura.

No editorial que está sendo analisado, a organização do texto em parágrafos permite que se chegue a macroestruturas locais que apresentam elementos temáticos e relacionais que devem constituir a macroestrutura global. Esses elementos são: a situação problemática das crianças descritas/a omissão das autoridades na solução do problema/por outro lado, a possibilidade de solução/a necessidade de

que alguma coisa seja feita/um programa assistencial que cabe às autoridades executar.

Outros elementos podem ser apreendidos que apontam para a organização macroestrutural do texto. São, por exemplo, as anáforas conceituais que, como já foi explicitado anteriormente, retomam elementos semânticos do texto precedente de extensão variável, podendo compreender orações, um parágrafo ou mais, ou todo o texto.

No texto *O abandono dos escravos mirins*, há uma anáfora zero=*isso=problema*, que retoma parte da informação contida no parágrafo anterior, articulando o segundo ao primeiro parágrafo. Trata-se de um termo resumitivo, *problema*, que, com função metalingüística, nomeia a situação das crianças, colando-lhe uma etiqueta. Esse termo é modificado por uma perífrase que explica que *não é um problema de difícil solução*, o que define uma tese local assumida pelo editorialista. Situada no início do parágrafo, a anáfora conceitual marca uma ruptura com o tema que vinha sendo tratado. Essa ruptura é confirmada pela presença do articulador *e (=no entanto)* que opõe o tema do primeiro parágrafo ao do segundo, que ele introduz.

No segundo parágrafo há um *para tanto* (l.21), de natureza diferente do caso anterior. Aqui essa expressão remete ao pressuposto de *não se trata de um problema de difícil solução* da oração que o precede. *Para tanto* articula a solução *é fácil com bastaria que um grupo de assistentes sociais (...) investigasse a situação familiar*. Essa é uma anáfora englobante, que retoma, resumindo, um pressuposto. A mesma expressão é utilizada a seguir, no mesmo parágrafo (l. 26), desta vez unindo a solução que acaba de ser proposta: que *um grupo de*

assistentes sociais, a serviço de órgãos oficiais, investigasse a situação familiar de cada uma dessas crianças encaminhando a solução mais adequada para cada caso, a entidades privadas de assistência social.

Na linha 30, no terceiro parágrafo, encontra-se *um quadro tão consternador* como esse que, de modo semelhante ao que acontece com a anáfora zero do segundo parágrafo, retoma uma parte do texto, aqui toda a descrição da situação das crianças, desenvolvida no primeiro parágrafo. Além de nomear a descrição, com o termo *quadro*, num processo metalingüístico resumitivo, verifica-se uma tomada de posição do autor diante do tema, por meio do adjetivo *consternador*.

Essas anáforas conceituais colaboram, então, no sentido de organizar a macroestrutura. Esse trabalho é feito num processo metalingüístico, em que, ao falar de momentos do próprio texto, o autor os menciona, resumindo-os, englobando vários sentidos em um termo, por vezes qualificando esse termo e marcando sua posição argumentativa, indicando uma continuação temática ou, ao contrário, uma ruptura. Esses procedimentos apontam para o desenvolvimento informacional do texto que se vê, de tempos em tempos, retomado em forma de síntese de um certo número de tópicos e comentários. É a macroestrutura que é assim organizada e que orienta a recepção do texto pelo ouvinte/leitor.

No editorial que está em estudo, o tema *crianças*, com o sentido específico com que aparece no texto, e a situação difícil em que se encontram, é várias vezes referido, resumido, qualificado, argumentado, continuado ou rompido, o que indica, para o leitor, a importância que esse tema assume.

A aplicação das macrorregras propostas por Van Dijk deve confirmar a apreensão da macroproposição, já entrevista pelo estudo da organização dos parágrafos e pelo resgate da referência de anáforas conceituais. De acordo com a metodologia elaborada para a análise dos textos nesta pesquisa, o primeiro momento para a aplicação das macrorregras é o da identificação das idéias do texto (Figura 1).

1. As entidades de assistência social não pensam em socorrer as crianças que pedem esmolas nos cruzamentos da cidade.
2. As crianças de rua são esfarrapadas e mal nutridas.
3. Muitas crianças de rua carregam bebês no colo.
4. As crianças trabalham como escravos de adultos.
5. Os adultos ficam à espera das moedas dadas às crianças.
6. Há indiferença pelo destino dessas crianças.
7. Nenhuma autoridade, do estado ou do município, se responsabiliza por eles.
8. O Juizado de Menores não responsabiliza os causadores da exploração dessas crianças.
9. Não é um problema de difícil solução.
10. A solução seria a investigação da situação familiar das crianças por assistentes sociais e o encaminhamento mais adequado para cada caso.
11. As entidades privadas de assistência social poderiam contribuir para a solução do problema.
12. É inaceitável que nada se faça.
13. A exploração das crianças é devido à ignorância ou à insensibilidade dos responsáveis pelo seu sustento e educação.
14. O poder público não pode ignorar a situação.
15. O poder público considera a presença das crianças: como resultado inevitável do agravamento da situação social.
16. Um simples programa assistencial poderia resgatar as crianças dessa situação indigna.
17. Esse programa não necessitaria de recursos extraordinários.
18. Esse programa contaria com a estrutura existente e disponível no estado e no município.
19. Esse programa contaria com o apoio da sociedade.
20. Os órgãos oficiais e privados de assistência social estão com a palavra.

Para a identificação dessas idéias, procurou-se seguir de perto o texto, tanto no que concerne ao léxico quanto à estrutura das sentenças. Tentou-se evitar ao máximo qualquer interpretação, embora se reconheça que, ao se fazer esse levantamento, a subjetividade do pesquisador já está implicada.

É às idéias do texto, assim organizadas, que são aplicadas as macrorregras propostas por Van Dijk.

A primeira, de acordo com a escolha feita quanto à ordenação das regras para fim de análise, é a de generalização, realizada nesse texto do modo ilustrado pela Figura 2.

1. Situação das crianças (2+3+4+5);
2. Descaso dos órgãos competentes (6+7+8);
3. A possibilidade de solução (9+10+11);
4. A inaceitabilidade da omissão do poder público (12+14);
5. O programa para a solução do problema (16+17+18+19);
6. O chamamento às autoridades responsáveis (20).

Figura 2 - A generalização a partir de idéias do texto.

Como se pode verificar, agruparam-se sob o título de "situação das crianças" as informações 2, 3, 4 e 5 que dizem respeito a esse tema. Teve-se o mesmo cuidado com as demais informações do texto, sempre buscando reuni-las em torno de idéias em comum, conforme quadro apresentado acima.

A regra de supressão, etapa seguinte para a identificação da macroestrutura, consistiu na retirada das informações de números 1, 13 e 15. Essas idéias foram eliminadas porque não têm continuação no texto.

Assim, a partir desses elementos foi construída a macroproposição como consta na Figura 3.

A situação das crianças de rua não é resolvida devido ao descaso dos órgãos competentes. Mas a solução é possível: basta um programa por parte das autoridades responsáveis.

Figura 3 - A macroproposição.

A busca da macroproposição que verbaliza a macroestrutura tornou-se necessária como primeira etapa de análise porque, conforme se entende nesta pesquisa, a macroproposição organiza o sentido do texto tomado como um todo. Ela deve orientar a organização informacional de tópicos e comentários na microestrutura.

Também a superestrutura, determinando, num nível global, a ordenação das categorias de tese e argumentos que formam o texto argumentativo, dá pistas de como a informação deve ser disposta no nível microestrutural. Para se chegar à apreensão da tese defendida pelo editorialista, é necessário descobrir inicialmente todas as teses locais, suprimindo-se a seguir as que se repetem de algum modo, as que apresentam temas muito próximos, para se chegar à tese global.

No editorial que está sendo analisado, foram encontradas uma ou mais de uma tese local em cada parágrafo, de acordo com o quadro da Figura 4.

<p>§I – Nenhuma entidade de assistência social, seja privada ou oficial, lembrou-se de socorrer as crianças que pedem esmolas em cruzamentos movimentados da cidade.</p> <p>§II – Não se trata de um problema de difícil solução.</p> <p>§III –</p> <p>1ª É inaceitável que nada se faça diante desse quadro consternador.</p> <p>2ª Algumas centenas de crianças estão sendo desumanamente exploradas e submetidas a trabalho escravo.</p> <p>§IV –</p> <p>1ª Não pode o poder público ignorar o que está ocorrendo nos cruzamentos e esquinas mais movimentadas da cidade.</p> <p>2ª Um simples programa assistencial poderia resgatar tais crianças dessa situação indigna.</p> <p>3ª Um simples programa assistencial certamente contaria com o apoio da sociedade.</p>

Figura 4 – As teses locais.

Algumas dessas teses locais, embora não todas, são apoiadas por argumentos. Assim, a primeira tese do primeiro parágrafo:

- *Nenhuma entidade de assistência social, seja privada ou oficial, lembrou-se de socorrer as crianças que pedem esmolas em cruzamentos movimentados da cidade*

encontra apoio nas seguintes afirmações que descrevem as crianças, mostrando a necessidade de auxiliá-las:

- há muitas crianças nas ruas;
- essas crianças são esfarrapadas e mal nutridas;
- essas crianças ficam sujeitas a intempéries, nas ruas;
- essas crianças são exploradas por adultos;
- essas crianças vivem da caridade pública.

A tese local em questão é reescrita a seguir sob as formas:

- Há total indiferença pelo destino dessas crianças.
- As autoridades, incluindo o Juizado de Menores, nada fazem; não se sentem responsáveis.

Observe-se que a posição argumentativa do editorialista aparece reforçada pelo uso de dois articuladores nesse parágrafo: *sem que, nem mesmo*.

Sem que, indicando modo, articula dois elementos da reformulação da tese:

- *Eles fazem parte da paisagem sem que nenhuma autoridade, seja do Estado, seja do município, os considere um problema de sua responsabilidade.*

Nem mesmo relaciona, estabelecendo uma escala argumentativa, duas reformulações da tese do parágrafo. As reformulações são:

- *nenhuma autoridade os (=pequenos infelizes) considera um problema de sua responsabilidade.*

- O Juizado de Menores (não) tem agido no sentido de responsabilizar os responsáveis pela desumana exploração dessas crianças.

Nesse primeiro parágrafo, então, encontra-se uma única tese que é parafraseada mais de uma vez, sendo apoiada por um argumento que descreve a situação difícil das crianças. Os articuladores que aí se encontram servem para conectar elementos que reformulam a tese, reforçando a argumentação.

A tese do segundo parágrafo:

- Não se trata de um problema de difícil solução

tem como argumento:

- bastaria que assistentes sociais oficiais e privados investigassem os problemas familiares e encaminhassem soluções.

O articulador e, com o sentido de *no entanto*, relaciona a tese do segundo parágrafo (há solução fácil para o problema) à tese do primeiro (nenhuma entidade de assistência social, seja privada ou oficial, lembrou-se de socorrer as crianças que pedem esmolas nos cruzamentos). O articulador estabelece, pois, um elo semântico de oposição entre o ponto de vista do autor, defendido no primeiro parágrafo, e um novo ponto de vista, sustentado no segundo.

Apesar da oposição, não se pode dizer que haja contradição no texto, já que a tese sustentada no primeiro parágrafo surge como uma forma de concordância com a situação vigente, de concessão a vozes que são ouvidas. Embora se trate da descrição de uma situação, essa descrição se apresenta, no texto, como uma tomada de posição do autor.

O articulador *e* (=no entanto) tem funcionamento semelhante ao de *mas PA*, conforme proposto por Vogt e Ducrot (1989). De acordo com essa teoria, a tese do segundo parágrafo seria a realmente defendida pelo autor, a mais forte, aquela que se mostra como representando sua posição.

É interessante observar que o articulador *e*, nesse caso, não estabelece um elo entre duas orações, mas entre uma macroproposição, que tem função de tese, do primeiro parágrafo, e uma oração que, também ela, funciona como uma tese do segundo parágrafo. Trata-se de uma relação que se estabelece entre a macroproposição, que se torna uma categoria (tese local) da superestrutura do primeiro parágrafo e uma oração, na microestrutura, que é também ao mesmo tempo uma categoria da superestrutura, no segundo parágrafo. Esse fato parece apontar para a estreita vinculação entre os três níveis do texto: a micro, a macro e a superestrutura, o que indica já uma possível resposta à primeira pergunta aqui feita: a de saber se as três estruturas interagem.

As duas teses do terceiro parágrafo retomam a do primeiro com suas reformulações. O que se pode perceber, porém, é que termos axiológicos como *inaceitável*, *consternador*, *desumanamente exploradas*, *ignorância*, *insensibilidade*, *escravo*, enfatizam a posição argumentativa do editorialista, mas não acrescentam informações novas. Esses termos apenas nomeiam ou qualificam explicitamente inferências que o receptor pode fazer a partir da descrição que se lê no primeiro parágrafo. Nenhum argumento é acrescentado para apoiar a tese enunciada no terceiro.

O articulador *seja...seja...* relaciona argumentos: pela ignorância/pela insensibilidade daqueles que deveriam responder por seu sustento e educação.

O quarto parágrafo contém três teses locais. A primeira parafraseia mais uma vez a tese enunciada no primeiro e repetida no terceiro:

- não pode o poder público ignorar o que está ocorrendo nos cruzamentos e esquinas mais movimentadas da cidade.

Essa tese é relacionada a um argumento refutativo por meio do articulador como se, assinalando uma comparação hipotética:

- como se a presença dessas crianças fosse o resultado inevitável de uma situação social que se agrava

As duas outras teses são predicacões diferentes sobre o mesmo tema:

- um simples programa assistencial poderia resgatar tais crianças dessa situação indigna;

- um simples programa assistencial certamente contaria com o apoio da sociedade.

Esse parágrafo também não apresenta nenhum argumento que sustente as teses defendidas pelo editorialista.

Quanto às teses locais e argumentos que as sustentam, nota-se que o editorial *O abandono dos escravos mirins* apresenta uma certa circularidade, já que a mesma tese é enunciada várias vezes de diferentes modos. Por outro lado, a argumentação é pouco desenvolvida, ou seja, há várias afirmações e poucas justificativas que as apóiem. Na verdade, apenas duas teses são argumentadas em todo o texto.

Então, no que diz respeito à organização das categorias da superestrutura argumentativa, pode-se dizer que esse editorial é um texto argumentativo, mas nele predominam afirmações não argumentadas, em que se percebem tomadas de posição do editorialista através do léxico, de repetições de tese e da utilização de descrições que funcionam como argumentos. Não se trata de um texto fortemente apoiado em fatos, mas de um texto marcado por tomadas de posição com poucos argumentos.

A análise das teses locais levou à retirada das informações repetidas. Então, a tese formulada mais de uma vez no parágrafo I, e a 1ª tese dos parágrafos III e IV parecem se referir à mesma idéia, embora a do parágrafo III apresente, no léxico, termos axiológicos que denunciam o que pensa o editorialista sobre o assunto que aborda e que não aparecem nas demais. Também por apresentarem um tema comum, as teses 2 e 3 do parágrafo IV foram fundidas em uma só.

Com os elementos que restaram após essa seleção, construiu-se a tese global do texto (Figura 5).

Necessidade de as entidades de assistência social fazerem algo (um programa assistencial) pelas crianças de rua.
--

Figura 5 – A tese global.

Observa-se, em decorrência da análise anteriormente desenvolvida sobre a macro e a superestrutura do editorial em estudo, que a macroproposição, aqui retomada:

- A situação das crianças de rua não é resolvida devido ao descaso dos órgãos competentes. Mas a solução é

possível: basta um programa por parte das entidades responsáveis.

e a tese global:

- Necessidade de as entidades de assistência social fazerem algo (um programa assistencial) pelas crianças de rua.

são muito semelhantes, apresentando elementos em comum, tais como:

- necessidade de auxílio às crianças de rua;
- omissão por parte das entidades responsáveis;
- necessidade de as entidades responsáveis fazerem algo;
- existência de uma possível solução;
- um programa assistencial como solução.

De acordo com a proposta teórico-metodológica feita para este estudo, a macro e a superestrutura, representadas nesse editorial pelos elementos acima mencionados, que são informações complexas e que compreendem também comentários do texto, devem nortear os critérios de seleção dos tópicos e da continuidade topical na micr oestrutura.

Tendo-se apreendido, então, de acordo com a proposta que aqui se faz, os conteúdos semânticos dos níveis estruturais mais "altos" do texto (a macro e a superestrutura), deve-se, em princípio, a partir desses elementos, compreender como se organiza na microestrutura a informação no texto argumentativo, continuando o estudo do editorial *O abandono dos escravos mirins*. Com esses dados, pode-se chegar a possíveis respostas às perguntas que norteiam o pensamento neste trabalho, formuladas na Introdução.

O quadro da Figura 6 mostra a distribuição de tópicos e comentários no texto.

As flechas voltadas para baixo indicam a continuidade dos tópicos, ou seja, a passagem de um tópico para o seguinte. As flechas voltadas para cima mostram que o referente do tópico se encontra, não no tópico anterior, mas no comentário precedente. As flechas horizontais apontam para o comentário. O número colocado entre parênteses acima da flecha, como o número 4 no tópico 6 que inicia o segundo parágrafo, indica que o referente do tópico em questão encontra-se no comentário do quarto tópico.

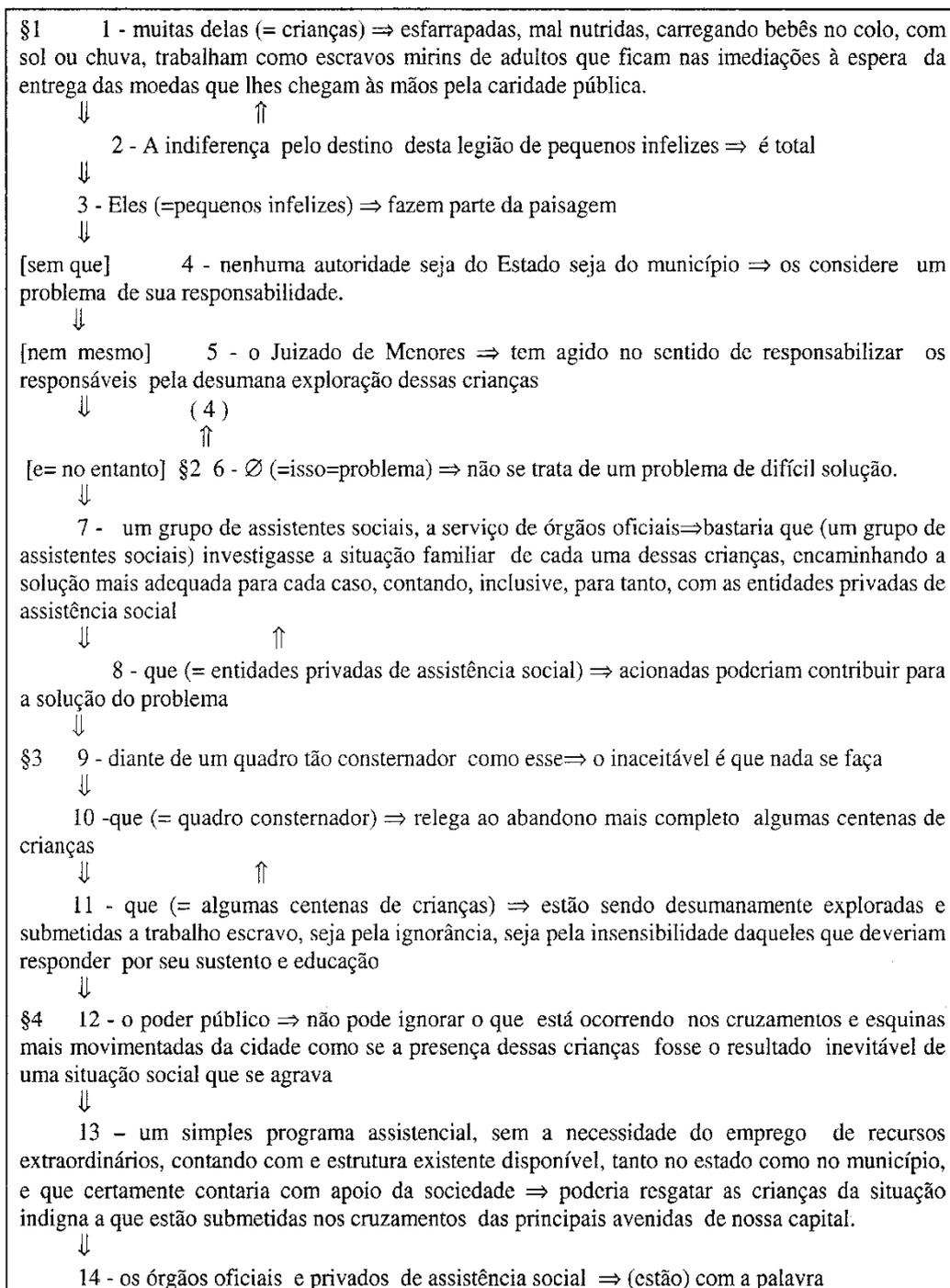


Figura 6 – A continuidade topical.

Os elementos informacionais são analisados dentro de seus respectivos parágrafos. São ainda indicados os articuladores que introduzem tópicos e conectam teses, ou teses e argumentos, conforme a análise da constituição da superestrutura.

De acordo com a proposta que aqui é feita para a definição e o estudo da informação no texto argumentativo, o tópico, do ponto de vista sintático, pode ser sujeito ou não. Tópico é aquilo de que se fala, é o conhecido, porque já referido no texto, ou porque é inferível, ou ainda porque é familiar a emissor e receptor. É aquilo que de algum modo tem relação direta com a macro e a superestrutura. Assim sendo, o primeiro referente do texto (*nenhuma entidade de assistência social, seja privada ou oficial*) não é considerado tópico, porque não tem antecedente no texto, é ainda desconhecido do receptor.

Segundo esses critérios, observa-se que na maior parte das vezes o tópico é o sujeito sintático. Entretanto, nesse texto, o tópico aparece também com a função de objeto direto e de adjunto adverbial.

Uma outra observação decorre desse quadro: a de que a informação dada pelo cotexto, ou seja, pelo próprio texto, e que se torna o antecedente de alguns tópicos, nem sempre se encontra em tópicos anteriores, mas em comentários de tópicos anteriores. É o que se verifica nos tópicos 2, 8 e 11. No caso do tópico 2, o antecedente não está no comentário imediatamente anterior, mas na seqüência inicial, que introduz o tema do texto. Parece importante esse enraizamento em comentários, já que se toma como um dos critérios para a identificação do tópico a informação conhecida pelo receptor, da qual uma das fontes está no próprio texto. Considera-se que, ao se ler ou ao se produzir um texto, são válidas e tornadas importantes na continuação, tanto informações velhas (tópicos) quanto novas (comentários). Acredita-se que

não apenas os tópicos sejam armazenados na memória, mas também os comentários, que fazem avançar as informações.

Quanto à seleção dos tópicos que constituem as cadeias, um dos critérios utilizados para o estudo da informação nesse editorial é o da relação do tópico com um referente já dado.

No estudo da organização informacional do editorial, nota-se que bastante complexa se torna por vezes a relação semântica entre tópicos e referentes. Os casos de identidade entre ambos, como no tópico 10, em que o *que* (=quadro consternador) é idêntico ao referente (tópico anterior), ou no 11, em que o mesmo pronome relativo (= algumas centenas de crianças) retoma um trecho do comentário do tópico anterior, são raros. Vários outros tipos de relação estão presentes nesse texto argumentativo.

Há casos em que o tópico remete a apenas uma relação semântica parcial com o referente, como no tópico 7, em que, através do "frame" *assistência social*, se relaciona *um grupo de assistentes sociais a serviço de órgãos oficiais e a entidade de assistência social, seja privada ou oficial*. O mesmo tipo de associação se estabelece no tópico 13. *Programa assistencial* tem como referente, pelo "frame" *problema*, partes dos comentários dos tópicos 6 (não se trata de um problema de difícil solução), 7 (...encaminhando a solução mais adequada...) e 8 (...contribuir para a solução do problema...), nos quais *solução* se associa a *programa assistencial*.

Renomeação de referente surge no tópico 1. *Muitas delas renomeia centenas de crianças que passam o dia inteiro correndo*

entre os carros a pedir esmolas nos cruzamentos mais movimentados das principais avenidas da cidade.

Algumas vezes tópico e referente se associam por inferência. É o que se depreende do tópico 2, no qual *a indiferença* é inferida da sentença introdutória do editorial: *Nenhuma entidade de assistência social, seja privada ou oficial, lembrou-se, até agora, de socorrer as centenas de crianças...* Nesse mesmo tópico encontra-se processo semelhante de inferência, associado a outro: *legião de pequenos infelizes* pode ser entendida como uma inferência da mesma sentença inicial do texto. Mas pode-se ver aí também uma substituição lexical em que *infelizes* se torna uma renomeação que, todavia, não apenas substitui, mas também acrescenta não só informação como tomada de posição argumentativa por parte do editorialista. O mesmo acontece com *quadro consternador*, nos tópicos 9 e 10. O termo *quadro* se torna um superordenado que renomeia uma macroproposição derivada de tópicos e comentários anteriores que descrevem a situação difícil em que se encontram as crianças em questão. Pode-se denominar também superordenado o termo *pequenos*, analisado no tópico 2 que é dado, no texto, como sinônimo de *crianças*. Como *infelizes*, do exemplo precedente, *consternador* marca a posição argumentativa do autor do texto.

Também uma relação de inclusão pode indicar o elo entre o tópico e seu referente. É o que se vê em *Juizado de Menores*, tópico 5, cujo sentido está incluído em *nenhuma autoridade seja do Estado seja do município*, tópico 4.

Um caso bem mais complexo de relação entre tópico e referente é o que se encontra no tópico 6, que introduz o segundo parágrafo do editorial. Trata-se de uma anáfora conceitual, representada por *zero=isso=problema*. O referente não está explicitado no texto; ao contrário, deve ser depreendido de parte de tópicos e comentários do primeiro parágrafo, através de uma macroproposição resumitiva que, ela, será o referente do tópico em questão.

Deve-se inferir dessa breve análise de elos que ligam os tópicos com seus respectivos referentes que, se não se pode dizer de todos os editoriais, por não se ter analisado todos (e menos ainda se pode dizer de texto argumentativo em geral), entretanto no editorial aqui estudado, a relação semântica entre esses elementos, na maioria das vezes, é bastante complexa. Hasan (1989), ao estudar a textura do texto, tratando da referência nominal, propõe como elos coesivos a correferencialidade (a relação de identidade situacional de referência), a coclassificação (coisas, processos e circunstâncias às quais referem A e B pertencem à mesma classe) e a coextensão (A e B referem à mesma coisa dentro de um campo semântico). Tratando dos elos de co-extensão, Hasan restringe o campo semântico a sinonímia, antonímia, hiponímia e meronímia. Embora não refira explicitamente a que tipo de texto deve ser aplicada sua teoria, a autora só analisa textos narrativos. Não fica claro, no artigo de Hasan, se a classificação dos elos semânticos que propõe é igualmente válida para outros tipos de texto. Quanto ao argumentativo, todavia, parece evidente que a relação entre

tópicos e referentes extrapola a proposta de análise de Hasan, já que esse tipo de texto apresenta, quanto ao aspecto em questão, uma complexidade muito maior, conforme se pôde observar pela rápida análise há pouco realizada.

No que diz respeito à continuidade topical, nota-se que os tópicos se alternam, constituindo cadeias curtas, que variam entre dois e três tópicos. A cadeia 1 é constituída pelos tópicos 1, 2 e 3 e tem como tema *as crianças*, sendo que no segundo tópico da cadeia se fala da indiferença das autoridades por essas crianças. A cadeia 2 é a dos tópicos 4 e 5, e diz respeito a *autoridades*. *Assistentes sociais* é o tema da cadeia 3 que tem como tópicos os de números 7 e 8. Observa-se que o tópico 7 não forma cadeia, podendo ser considerado um elemento de transição que inicia o segundo parágrafo, introduzido por uma anáfora conceitual (zero=isso=problema) que retoma boa parte do primeiro parágrafo e o articula com o segundo, quanto ao desenvolvimento do tema. *As crianças* voltam a ser focalizadas nos tópicos 9, 10 e 11, vistas agora sob o enfoque de *um quadro consternador*, na cadeia de número 4. O tema do *poder público* e da necessidade de *um programa assistencial* é o da cadeia 5, final do texto.

Os temas desenvolvidos pelas cinco cadeias que formam o editorial são:

- crianças (abandonadas pelas autoridades)
- autoridades
- assistentes sociais
- poder público.
- programa assistencial (solução)

O critério principal para a identificação de tópicos na microestrutura e conseqüente continuidade em cadeias, critério que distingue esta proposta de outras que estudam a informação em textos, é o que estabelece estreita vinculação entre micro, macro e superestrutura, entendendo-se que a organização informacional expressa na microestrutura é orientada pelas estruturas de nível mais "alto". Confrontam-se então os temas que constam, de certa forma, da macroproposição e da tese, que compõem as estruturas de nível mais "alto" do texto. Na tese estão: entidades de assistência social, programa de assistência social, crianças de rua. Fazem parte da macroproposição: crianças de rua, descaso dos órgãos competentes, solução (programa).Vê-se assim que a macro e a superestrutura parecem orientar a organização informacional na microestrutura, já que entre esses três níveis encontra-se uma certa convergência de temas.

Quatro temas, determinados a partir dos que foram encontrados nos três níveis estruturais, constituem a continuidade temática do editorial: crianças, abandono, autoridades, solução. O critério para a organização dessa continuidade não é mais o tópico no nível da microestrutura, na linearidade das sentenças, mas é o de temas que compõem cadeias, que são interrompidas e retomadas ou não, na seqüência do editorial. A continuidade temática se organiza, como se vê, no macronível textual.

Com esse procedimento chega-se ao seguinte quadro da Figura 7.

Crianças	Abandono	Autoridades	Solução
§1			
que (= centenas de crianças)			
muitas delas			
lhes			
	a indiferença pelo destino		
legião de pequenos infelizes			
eles (=pequenos infelizes)			
		nenhuma autoridade seja do Estado ou do município	
	nenhuma autoridade os considera um problema de sua responsabilidade		
os (=pequenos infelizes)			
		sua (de nenhuma autoridade)	
		Juizado de Menores	
	o Juizado de Menores não tem agido		
dessas crianças			
§2			
			o problema não é de difícil solução
		um grupo de assistentes sociais a serviço de	

		órgãos oficiais	
de cada uma dessas crianças			
			solução mais adequada para cada caso
		entidades privadas de assistência social	
		que (= entidade social)	
§3			
			solução do problema
	nada se faça		
	um quadro tão consternador como esse que relega ao abandono mais completo		
algumas centenas de crianças			
que (= algumas centenas de crianças)			
seu (= das crianças)			
§4			
	não pode o poder público ignorar	poder público	
dessas crianças			
			um simples programa Assistencial
as crianças			
		os órgãos oficiais e privados de assistência social	

5 – Considerações finais

O tema deste estudo é o da organização informacional em textos argumentativos. Procurou-se propor aqui uma abordagem do tópico que o situa no texto, visto este não como uma soma de sentenças, mas como uma unidade semântica complexa. Para isso foi esboçada uma fundamentação teórica que entendesse o texto numa perspectiva estrutural, constituído de micro, macro e superestrutura, numa linha semântico-pragmática, prevendo a existência de emissor e de receptor. Escolheu-se como tipo de texto o argumentativo e dentro desse tipo, que compreende gêneros variados e complexos, editoriais escritos.

Diferentemente dos trabalhos anteriores desenvolvidos na PUCRS de 1994 a 1998³ buscou-se aqui compreender a organização informacional nesse tipo de texto, a partir de uma abordagem que pretendeu dar conta do texto como um todo semântico organizado. Também diferentemente das duas pesquisas anteriores, aqui se trabalhou com a informação tomada como um todo organizado em tópicos e comentários.

Os resultados das análises parecem estar mostrando que as perguntas norteadoras 1 e 2, quando se aplicou nos textos a metodologia aqui proposta, recebem respostas afirmativas. Com esses

³ Foi desenvolvido na PUCRS, sob a coordenação de Leci Borges Barbisan, o projeto *O tópico em textos argumentativos orais e escritos*, de 1994 a 1996, pela equipe constituída pelas pesquisadoras: Leci Borges Barbisan, Rejane Flor Machado e Joselaine Sebem de Castro. De agosto de 1996 a julho de 1998 foi a vez de *Dificuldade de leitura e o tópico*, igualmente coordenado por Leci Borges Barbisan, com grupo integrado por Leci Borges Barbisan, Lia Lourdes Marquardt, Rejane Flor Machado, Rita Simone Spilmann Bexiga. Os dois projetos receberam o apoio do CNPq.

resultados, que são parciais, incompletos e ainda sujeitos a discussão, pareceria ficar apagada a distinção entre tópico de sentença e tópico de discurso, já que a interação entre micro, macro e superestrutura e a orientação da microestrutura pela macro e pela superestrutura estariam se realizando, no texto argumentativo.

A interação entre os três níveis estruturais no texto se confirmaria pelo fato, por exemplo, de que articuladores, na microestrutura, conectam categorias argumentativas na superestrutura. Do mesmo modo, anáforas conceituais, que aparecem na microestrutura, constroem a macroestrutura. Ou seja, a macroestrutura é realizada em níveis, os parágrafos, que muitas vezes são retomados e resumidos por anáforas conceituais da microestrutura.

Sabe-se que se está trabalhando com uma proposta ousada e sujeita a muitas contestações por tratar-se de uma abordagem semântico-pragmática que nem sempre oferece critérios seguros para a análise. Um esforço foi feito no sentido de estabelecer uma metodologia de trabalho com critérios seguros. Entretanto, a consciência de que esses critérios nem sempre conseguem ser rigorosos está presente. Por outro lado, não há a intenção neste estudo, de criar um modelo para análise que dê conta do texto argumentativo. Além de ser tarefa impossível de ser realizada, essa intenção poderia levar a uma leitura única do texto e a um aprisionamento do sentido, o que parece ser contrário a todas as evidências.

Em decorrência dessa impossibilidade de rigor, surgem restrições a esta proposta. Uma delas diria respeito à relação que se procurou encontrar entre os tópicos e seus referentes. Por vezes essa relação se

torna de tal modo tênue, semanticamente, que se pode perguntar se há possibilidade de que esses elementos constituam cadeias.

Outra restrição às reflexões aqui feitas se refere a uma possível simplificação na análise dos mecanismos que organizam a micro, a macro e a superestrutura. Outros mecanismos existem, que não foram estudados. Do mesmo modo, relações lógicas, inferências articulando informações precisam ser mais detidamente analisadas, auxiliando na percepção das estruturas globais do texto.

Outro questionamento que poderia ainda ser feito a este estudo diz respeito ao fato de que só foi pensada a produção textual, desconsiderando a leitura. Realmente, esse foi um recorte que se fez, já que tudo não poderia ser estudado. Considera-se que a perspectiva do leitor precisa ser abordada, o que pode vir a se constituir em um tema para futuras pesquisas.

Ainda uma questão pode ser colocada: aquela relativa ao número de textos que deveriam ser analisados com vistas ao estabelecimento de regularidades. Pensa-se que, levando-se em conta a especificidade de organização informacional na argumentação própria a cada texto, dificilmente se conseguiria estabelecer uma tipologia, quanto a esse aspecto, que conduzisse à definição de quantos textos deveriam ser estudados. Em conseqüência, seria necessária a análise de um número muito grande de textos. Na impossibilidade de fazê-lo, por falta de espaço e porque isso pressuporia uma pesquisa paralela relativa a uma tipologia dentro do argumentativo, optamos por apenas um texto para ilustrar a proposta teórica feita aqui.

É preciso mencionar o fato de que outros modos de entender o tópico no texto existem e são importantes. O que aqui é sugerido é

apenas uma possibilidade de leitura da informação no texto argumentativo que deve ser questionada, discutida e melhorada.

Referências bibliográficas

ADAM, Jean-Michel. Types de séquences textuelles élémentaires. *Pratiques*, n. 56, déc., 1987.

BESSONNAT, Denis Le découpage en paragraphes et ses fonctions. *Pratiques*, n. 57, mars, 1988.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette-Éducation, 1992.

_____. *Le discours d'information médiatique*. Paris: Nathan, 1997.

CHAROLLES, Michel. Notes sur le discours argumentatif. In: PORTINE, Henri (org.). *Argumentation et communication*. Actes des journées d'études. Paris: BELC, 1979.

_____. Marquages linguistiques et résumé de texte. In: CHAROLLES, Michel, PETITJEAN, André. *Le résumé de texte*. Actes du Colloque International de Linguistique. Paris: Klincksieck, 1991.

CLARK, Herbert, HAVILLAND, D.S. Comprehension and the given-new contract. In: FREEDLE, Roy (org.) *Discourse production and comprehension*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1974. v. 1.

COMBETTES, Bernard. Introduction et reprise des éléments d'un texte. *Pratiques*, n. 49, mars, 1986.

DESCOMBES-DÉNERVAUD, Monique, JESPERSEN, Janine. L'anaphore conceptuelle dans l'argumentation écrite. *Pratiques*, n. 73, mars, 1992.

DUCROT, Oswald. *Les mots du discours*. Paris: Minuit, 1980.

GIVÓN, Talmy. The grammar of reference and coherence as mental processing instructions. *Linguistics*, n. 30, p. 1-3, 1992.

HASAN, Ruqaiya. The texture of a text. In: HALLIDAY, M.A.K., HASAN, Ruqaiya. *Language, context and text*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M.A.K., HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in english*. Oxford: Oxford University Press, 1976.

_____. *Language, context and text*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

LONGACRE, R.E. The paragraph as a grammatical unit. In: GIVÓN, Talmy. *Syntax and semantics; discourse and syntax*. New York: Academic Press, 1979, v. 12.

PRINCE, Ellen. Taxonomy of given-new information. In: COLE, Peter (org.). *Radical pragmatics*. New York: Academic Press, 1981.

VAN DIJK, Teun Adrianus. *La ciencia del texto; un enfoque interdisciplinario*. Barcelona, Buenos Aires: Ediciones Paidós, 1978.

_____. A descrição do texto. In: KIBEDI-VARGA. *Teoria da literatura*. Lisboa: Presença, 1981.

_____. *Texto y contexto*. Madrid: Cátedra, 1983.

_____. *Estructuras y funciones del discurso*. México: Siglo Veintiuno Editores, 1986.

VOGT, Carlos. *Linguagem, pragmática e ideologia*. São Paulo: Hucitec, 1989.

A N E X O

O abandono dos escravos mirins

(Correio do Povo/ 08.08.94)

Nenhuma entidade de assistência social, seja privada ou oficial, lembrou-se, até agora, de socorrer centenas de crianças que passam o dia inteiro correndo entre os carros a pedir esmola nos cruzamentos mais movimentados das principais avenidas da cidade. Esfarrapadas e mal nutridas, muitas delas carregando bebês no colo, com sol ou chuva, trabalham como escravos mirins de adultos que ficam nas imediações à espera da entrega das moedas que lhes chegam às mãos pela caridade pública. A indiferença pelo destino desta legião de pequenos infelizes é total. Eles fazem parte da paisagem sem que nenhuma autoridade, seja do Estado, seja do município, os considere um problema de sua responsabilidade. Nem mesmo, que se tenha notícia, o Juizado de Menores tem agido no sentido de responsabilizar os responsáveis pela desumana exploração dessas crianças.

E, convenhamos, não se trata de um problema de difícil solução. Bastaria, para tanto, que um grupo de assistentes sociais, a serviço de órgãos oficiais, investigasse a situação familiar de cada uma dessas crianças, encaminhando a solução mais adequada para cada caso, contando, inclusive, para tanto, com as entidades privadas de assistência social, que acionadas poderiam contribuir para a solução do problema.

O inaceitável é que nada se faça diante de um quadro tão consternador como esse, que relega ao abandono mais completo algumas centenas de crianças, que estão sendo desumanamente exploradas e submetidas a trabalho escravo, seja pela ignorância, seja pela insensibilidade daqueles que deveriam responder por seu sustento e educação.

Não pode o poder público ignorar o que está ocorrendo nos cruzamentos e esquinas mais movimentadas da cidade, como se a presença dessas crianças fosse o resultado inevitável de uma situação social que se agrava. Um simples programa assistencial, sem a necessidade do emprego de recursos extraordinários, contando com a estrutura existente e disponível, tanto no Estado como no município, e que certamente contaria com o apoio da sociedade, poderia resgatar as crianças da situação indigna a que estão submetidas nos cruzamentos das principais avenidas de nossa Capital. Com a palavra os órgãos oficiais e privados de assistência social.